

## Solon Leontsinis e a proposta de criação do serviço de exposições circulantes de empréstimo do Museu Nacional (1959)

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise do opúsculo “Da Utilização dos Mostruários de Empréstimo no Ensino de Ciências Naturais”, publicado em 1959 pelo educador Solon Leontsinis (1928-2005), que atuou no Museu Nacional (MN) entre os anos de 1950 e 1990. A publicação documenta o desejo de o MN promover a educação museal e a educação em ciências por meio da itinerância, criando para tanto o Serviço de Exposições Circulantes de Empréstimo, sob responsabilidade de sua Divisão de Educação. Essa iniciativa concebida no MN teve como importante referência o trabalho de itinerância realizado pelo Field Museum of Natural History, antigo Museu de História Natural de Chicago, e é apresentada no bojo das discussões promovidas pela UNESCO sobre o tema, em especial a partir do Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus, realizado em 1958 no Rio de Janeiro. O texto de autoria de Solon Leontsinis lança mão das principais referências internacionais sobre o tema disponíveis à época, revelando a atualidade do trabalho realizado pelo setor educativo do Museu Nacional e a sua consonância com os debates internacionais acerca da função educativa dos museus. Não foram identificadas menções a essa publicação na literatura referente ao tema da itinerância e museus de ciência no Brasil. Nesse sentido, por meio deste artigo, buscamos contribuir para a ampliação do conhecimento acerca da História da Educação Museal brasileira e da itinerância de museus de ciência no contexto nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exposições Circulantes. Museu Nacional. História da Divulgação Científica.

Andréa F. Costa

[andrea@mn.ufrj.br](mailto:andrea@mn.ufrj.br)

[orcid.org/0000-0002-0351-5507](https://orcid.org/0000-0002-0351-5507)

Museu Nacional (MN/UFRJ) e Escola de Museologia (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## APRESENTAÇÃO

A itinerância no contexto museal vem assumindo ao longo do tempo múltiplas e diferentes formas. O nosso objeto de estudo corresponde à uma delas, a exposição circulante, também denominada exposição itinerante.

Esse tipo de iniciativa está na origem da institucionalização da itinerância nos museus, ocorrida em meados do século XIX (NORBERTO ROCHA, 2018). De acordo com Weddel (2016), o *Circulation Department*, do museu britânico *Victoria and Albert*, situado em Londres, ocupa uma posição única como protótipo e o precedente mais antigo do que agora chamamos de exposição itinerante. O Departamento fora instituído, segundo Trigueiros (1958), em 1852. Morley (1950) afirma que iniciativas semelhantes à do *Victoria and Albert Museum* foram implementadas no Canadá no início dos anos de 1920 e também nos Estados Unidos aproximadamente no mesmo período, tendo sido, ao longo dos anos de 1930 e 1940, implementadas como política geral na África do Sul e na Austrália.

Xavier (2012) afirma que a literatura sobre o tema da itinerância no campo museal aponta que a mesma corresponde a um fenômeno que ganha força durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tanto em decorrência de mudanças conceituais ocorridas no campo, quanto do surgimento de avanços tecnológicos que facilitaríamos o empréstimo e a circulação das coleções.

Ainda de acordo com a mesma autora, o pós-guerra traz consigo uma vontade democratizadora que amplia e aprofunda a preocupação com a educação de diferentes segmentos da sociedade, considerando os aspectos relativos à acessibilidade geográfica e as desigualdades sociais. Nesse momento são criadas a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1945 e o Conselho Internacional de Museus (ICOM), em 1946, instituições que passam a cooperar a partir de 1947 em prol do desenvolvimento dos museus pelo mundo. Segundo Xavier (2012), às mesmas se vincularam em alguma medida a praticamente todas as ações de itinerância promovidas no campo museal naquele período. A revista *Museum*, editada pela UNESCO a partir de 1948, acompanhada de outras publicações, manuais e eventos promovidos pelo referido órgão foram estratégicos para disseminar a itinerância museal pelo mundo, incluindo o Brasil.

Nosso foco de interesse é o opúsculo “Da Utilização dos Mostruários de Empréstimo no Ensino de Ciências Naturais”, publicado em 1959 por Solon Leontsinis (1928-2005), educador que atuou no Museu Nacional (MN) entre os anos de 1950 e 1990. O texto é o número 31 da série Publicações Avulsas, editada pelo MN a partir de 1945, e integra o acervo da Biblioteca da instituição. Ao contrário de alguns números da série, o publicado por Leontsinis ainda não se encontra disponível na Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Apesar da publicação registrar o desejo de se criar, no Museu Nacional, sob responsabilidade de sua Divisão de Educação, o Serviço de Exposições Circulantes de Empréstimo, a iniciativa apresentada por Solon Leontsinis em 1959 se encontra ausente na literatura referente ao tema da itinerância de museus de ciência no Brasil. Nesse sentido, por meio deste artigo, buscamos contribuir à ampliação do conhecimento acerca da História da Educação Museal brasileira e da itinerância de museus de ciência no contexto nacional.

## SOLON LEONTSINIS E O INTERESSE PELA ITINERÂNCIA

Solon Leontsinis nasceu no Rio de Janeiro, em 1928, e nos anos de 1940 cursou Odontologia na Universidade do Brasil (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) (CARDOSO, 2013). Ingressou na Divisão de Educação do Museu Nacional, atual Seção de Assistência ao Ensino – SAE, em 1958, inicialmente como estagiário (MUSEU NACIONAL, 1959), tendo sido posteriormente aprovado em concurso.

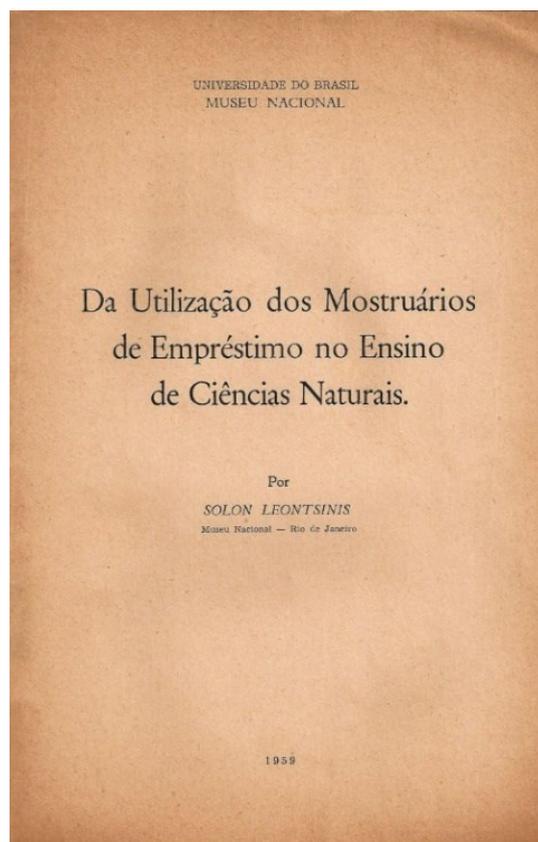
A partir dos anos de 1950, Leontsinis dedicou-se à docência em muitas e diferentes instituições de Educação Básica e de Ensino Superior da cidade do Rio. Nos anos de 1960 foi catedrático de História Natural do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, dirigido por ele entre os anos de 1965 e 1967. Foi professor no Colégio Pedro II, dirigiu a Escola Americana do Rio de Janeiro; sendo também um dos fundadores das Universidades Gama Filho e Celso Lisboa (CARDOSO, 2013). No ano de 1970 ministrou as disciplinas Introdução à Biologia e Metodologia da Pesquisa Científica no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, atual Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) (SIQUEIRA, 2009).

Em co-autoria com J. J. de Salles Puppo, Leontsinis publicou no ano de 1965 o livro didático intitulado “Iniciação à Ciência”, obra que, segundo Moraes (2016), atualiza a forma de apresentação dos conteúdos didáticos da disciplina. Leontsinis também redigiu os verbetes de Zoologia do Novo Dicionário Aurélio. Foi reconhecido especialista e colecionador de histórias em quadrinhos, de cartões-postais, estampas eucalol, livros, revistas e álbuns (CARDOSO, 2013). Nos anos de 1970 foi conselheiro da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e atuou como Vice-Diretor do Museu Nacional entre 1972 e 1976, na gestão de Dalcy de Oliveira Albuquerque. Se aposentou do Museu Nacional em meados da década de 1990, após ter atuado na instituição por cerca de 40 anos. Faleceu em 2005, aos 77 anos de idade, no Rio de Janeiro (CARDOSO, 2013).

Em 1959, Leontsinis elaborou a publicação “Da Utilização dos Mostruários de Empréstimo no Ensino de Ciências Naturais”, que aborda o serviço de empréstimo de mostruários às escolas a ser criado no MN, aos moldes dos que já vinham sendo implementados na América do Norte e na Inglaterra pelo menos desde o início do século XX.

O opúsculo de treze páginas está dividido em cinco seções, sendo elas: 1- Função dos Museus na Educação; 2- O Material Didático no Ensino de Ciências Naturais; 3 - O Sistema de Exposições Circulantes de Empréstimo; 4 - As vantagens do Sistema de Empréstimo de Exposição Circulantes; e 5 - O Serviço de Exposições Circulantes do Museu Nacional. À estas se somam as partes “Advertência” e “Bibliografia”. Na primeira, o autor situa a publicação, revelando que a mesma tinha como intuito “apresentar uma contribuição valiosa ao item Material Didático para o Ensino de Ciências, favorecendo ainda a motivação”, bem como visa a atender o que ele definiu como sendo “uma das necessidades fundamentais do moderno ensino de Ciências”, a familiarização dos educandos – crianças e adolescentes - com o meio em que vivem e com os fenômenos naturais presentes no local onde a escola está situada (LEONTSINIS, 1959, p. 3).

Figura 1 – Capa do opúsculo “Da Utilização dos Mostruário de Empréstimo no Ensino de Ciências Naturais”



Fonte: A autoria própria (2021).

É interessante salientar que, representando o Museu Nacional, Leontsinis foi um dos observadores do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, realizado em 1958 no Rio de Janeiro. Tal evento integrou um conjunto de seminários organizados pela UNESCO nos anos de 1950 tendo como tema a função educativa das instituições museais. Assim, em 1952 e em 1954, foram realizados Seminários Internacionais em Nova York e em Atenas, respectivamente. O Seminário do Rio de Janeiro foi um desdobramento destes e é considerado um dos marcos da Museologia e da Educação Museal.

O documento final do Seminário de 1958, redigido por George Henri Riviére, presidente do evento e diretor no Conselho Internacional de Museus (ICOM), foi responsável pelo delineamento de novos rumos e perspectivas para a Educação Museal. Nele existe uma seção dedicada às atividades educativas, na qual encontra-se o tópico “empréstimos para escolas e organizações culturais”. Nesta, afirma-se o caráter pouco desenvolvido da referida prática na América Latina, em contraposição ao que podia ser verificado nos países anglo-saxões. O que se recomenda é que este tipo de atividade seja expandida nos museus latino-americanos, começando por caixas e portfólios, ao passo que seriam de fácil execução. O texto afirma que a natureza do que será emprestado, bem como os seus dispositivos de proteção variavam de acordo com o programa do museu, considerando, é claro, suas diferentes tipologias, o autor cita ainda, exemplos de itens que poderiam ser emprestados. Em alguns casos podiam ser coleções de objetos originais, como itens de mineralogia, botânica, zoologia, abrigados em vidros, dentre outros (RIVIÉRE, 1958, p. 29).

Entendemos que a criação de um serviço de empréstimo de material às escolas encontra bastante relação com as discussões realizadas durante o Seminário de 1958. Outra evidência da influência desse evento sobre a proposta apresentada por Leontsinis é o fato de o mesmo citar em seu opúsculo, quatro das nove publicações que a UNESCO ofereceu aos participantes do Seminário, sendo elas: *“Las técnicas de los museos en la educación fundamental”* (UNESCO, 1956); *“La función de los museos en la educación”* (UNESCO, 1956); *“Manuel des expositions itinérantes”*, de E.C. Osborn (UNESCO, 1953) e *“So you want a good museum: A guide to the management of small museums”*, de C. E. Guthe (*American Association of Museums*, 1957). A totalidade das referências entregues aos participantes do Seminário de 1958 podem ser encontradas em Chagas e Rodrigues (2019, p. 168).

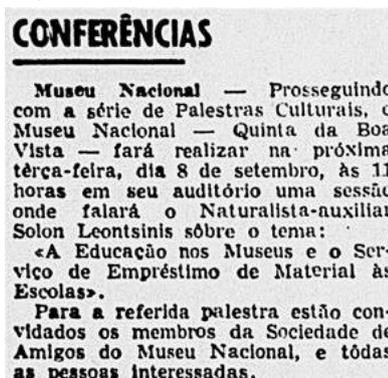
Para além da bibliografia oferecida no evento, Leontsinis cita publicações da UNESCO, bem como outras de autoria de educadores brasileiros, dentre os quais podemos citar Anísio Teixeira, Edgard Roquette-Pinto (professor do Museu Nacional entre os anos de 1910 e 1930) e Victor Stawiarski (educador do Museu Nacional entre os anos de 1940 e 1970).

Leontsinis faz referência também ao livro *Museu e Educação* (1958), de Florisvaldo Trigueiros, que participou ativamente do Seminário de 1958. Na referida publicação, que corresponde a uma edição revisada e ampliada de *“Museus – sua importância na educação do povo”* de 1956, Trigueiros traça uma *“escrita analítico-reflexiva, ao apresentar as tendências sobre a relação do público com os museus e as demandas educativas para esse diálogo”* (FARIA, 2014, p.61). No capítulo *“Museus e as Pequenas Comunidades”*, o autor encara a questão da itinerância, destacando a importância de se levar às cidades do interior, que não contam com um museu, exposições itinerantes, museus móveis extensíveis ou museus – ônibus. Esta última modalidade recebe destaque por parte de Trigueiros, que afirma que a montagem de alguns museus – ônibus seria a solução que melhor atenderia aos interesses locais.

O educador do MN lança mão de uma publicação da UNESCO (1958) dedicada à abordagem de medidas capazes de tornar os museus acessíveis, dentre as quais se encontram algumas considerações acerca das exposições circulantes e os museus-ônibus. Por meio desta publicação é possível verificar a presença de tais iniciativas de itinerância ao redor do globo, bem como o discurso referente à sua relevância para a ampliação do alcance social dos museus.

É importante destacar que, ainda em 1959, Solon Leontsinis não só publicou sobre o tema das exposições circulantes para empréstimo às escolas, como promoveu palestra sobre o assunto. Intitulada *“A Educação nos Museus e o Serviço de Empréstimo de Material às Escolas”*, foi realizada em 8 de setembro daquele ano, no auditório do Museu Nacional, no âmbito da série de Palestras Culturais promovida pela instituição. A palestra foi divulgada em pelo menos dois jornais de grande circulação, o *Diário de Notícias* (CONFERÊNCIAS, 1959) e o *Jornal do Brasil* (PALESTRA, 1959).

Figura 2 – Divulgação da palestra sobre o Serviço de Empréstimo de Material às Escolas, proferida por Solon Leontsinis no Museu Nacional



Fonte: Diário de Notícias (1959).

### EXPOSIÇÕES CIRCULANTES DO MUSEU NACIONAL: O PROJETO E SUA INSPIRAÇÃO

A Divisão de Educação do Museu Nacional era chefiada, em 1959, pelo educador Victor Stawiarski (1903-1979), e estava, segundo Leontsinis (1959), empenhada na criação de um serviço de empréstimo de mostruário às escolas. Visando à implementação do mesmo, a Divisão solicitou recursos ao Ministério da Educação e Cultura. Era sabido o custo elevado da iniciativa, mas este seria compensado por sua “notável penetração e sua ação educativa sem similar quando confrontada com os demais métodos” (LEONTSINIS, 1959, p.12). Mesmo carecendo de recursos financeiros, o MN manifesta o desejo de dar início ao Serviço de Exposições Circulantes de Empréstimo do Museu Nacional “modestamente, com um plano-pilôto em 1959 para, com futuros auxílios, garantir a sua expansão” (LEONTSINIS, 1959, p. 12).

Figura 3 – Fotografia dos educadores Victor Stawiarski, sentado e vestindo jaleco, e Solon Leontsinis, de pé, no Museu Nacional (circa 1970)

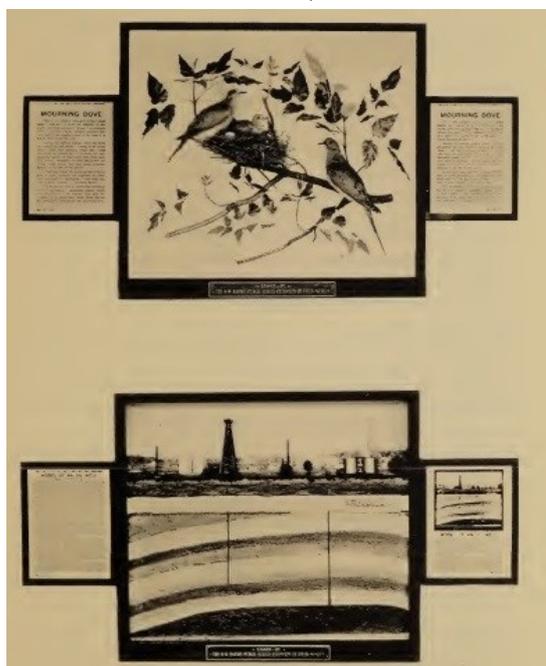


Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu Nacional (sem data).

Segundo Leontsinis, esse tipo de serviço ia se tornando cada vez mais comum nos Estados Unidos e o mais eficiente parecia ser aquele implementado pelo N.W. Harris *Public School Extension*, nome dado ao *loan service* (serviço de empréstimo) criado em 1911 (LEONTSINIS, 1959) no Museu de História Natural de Chicago (atual *Field Museum of Natural History*). A análise do Guia Geral de Visitação deste museu (CHICAGO NATURAL HISTORY MUSEUM, 1955) nos ajuda a perceber várias semelhanças entre o mesmo e o Museu Nacional, como: a criação no século XIX, a localização em parques públicos e as áreas de pesquisa de ambos (Botânica, Geologia, Zoologia, Antropologia e Geologia). Leontsinis dedica toda a terceira seção de seu opúsculo à descrição detalhada do projeto de itinerância do já mencionado museu estadunidense.

O educador brasileiro relata que o Museu de Chicago desenvolvia pequenas caixas portáteis com exposições de História Natural e de produtos econômicos, totalizando 600 temas, existindo duplicatas e triplicatas. Os temas abordados tinham relação direta com a pesquisa científica realizada na instituição e o autor elenca algumas das áreas abordadas pelos mostruários do Field - Botânica, Exposições Econômicas, Geologia, Geologia Econômica, Zoologia e Zoologia Econômica - e relaciona alguns dos temas a eles associados. Por exemplo, na área das Exposições Econômicas, ele cita a existência de mostruários sobre cacau e celulóide, e na área da Geologia, registra a existência de mostruários que abordam a origem do carvão, bem como modelos de dinossauros.

Figura 4 – Fotografias de *exhibits* emprestados às escolas de Chicago pelo N.W. Harris *Public School Extension*, do *Field Museum*



Fonte: Field Museum of Natural History (1938).

Existe uma preocupação por parte de Leontsinis em relacionar os materiais utilizados pelo *Field Museum* para a confecção dos mostruários que fazia circular pelas escolas, bem como os métodos utilizados para a apresentação dos temas abordados por eles. Nesse sentido, Leontsinis aponta que as caixas eram preparadas em mogno polido, com dimensões de 60x60cm, variando em sua

profundidade, 10cm, 17,5cm ou 25cm, a depender do material que nelas seria exposto. As caixas contavam com tampas de vidro, etiquetas explicativas impressas e eram equipadas com um sistema de ferragens que permitia que fossem penduradas “em armações estandardizadas fornecidas pela Junta de Educação Municipal da cidade de Chicago” (LEONTSINIS, 1959, p.8), podendo também ser penduradas em ganchos nas paredes das salas de aula. O autor faz questão de registrar que o transporte das caixas poderia ser feito, inclusive pelas próprias crianças, por meio do uso de alças dispostas em suas extremidades.

Figura 5 – Imagem registra estudantes fazendo uso dos mostruários do N.W. Harris Public School Extension, do Field Museum



Fonte: Field Museum of Natural History (1938).

Por meio da leitura dos relatórios institucionais publicados pelo *Field Museum* nos anos de 1955, 1956 e 1957, Leontsinis pode acessar informações tanto acerca das origens do serviço realizado pelo museu estadunidense, quanto sobre os materiais utilizados para a montagem dos mostruários, as temáticas abordadas por estes, a logística associada ao seu transporte, empréstimo e exibição nas escolas, dentre outros aspectos.

No entanto, a leitura do opúsculo parece revelar, também, um possível contato direto entre o educador do Museu Nacional e a direção do museu estadunidense. Segundo Leontsinis,

John R. Millar, atual Diretor do Museu de Chicago, informou-nos que o principal problema a resolver no sistema de empréstimo ‘é colocar o material utilizável na escola no momento exato em que o seu uso dará maior rendimento; isto é, seria ideal que determinadas escolas fizessem uma inversão no currículo; começariam por uma unidade do programa enquanto outras iniciariam por outra unidade. Seria possível, assim, utilizar eficientemente dentro do desenvolvimento normal do programa, diversas exposições temáticas em diversas escolas simultaneamente” (LEONTSINIS, 1959, p. 12).

Fica evidente tanto a ligação direta entre o material didático elaborado pelo museu e o currículo escolar, quanto o entendimento de que os itens emprestados favoreciam a aprendizagem. Por esses motivos, existia a preocupação de que os conteúdos científicos fossem ministrados com o apoio dos mostruários do museu.

Solon relata que, no contexto do *Field Museum*, os mostruários eram levados até as escolas por duas caminhonetes e trocados a cada duas semanas. Um sistema de planejamento bem estruturado garantia que cada escola recebesse, ao longo de um ano letivo, 36 diferentes mostruários.

Apesar da centralidade ocupada pelas escolas nesse processo, é importante ressaltar que o empréstimo feito pelo Field Museum incluía também centros e clubes comunitários, organizações industriais e firmas comerciais (FIELD MUSEUM, 1938) e que o material emprestado englobava, além dos mostruários, rochas, minerais, pequenos mamíferos, dentre outros (LEONTSINIS, 1959, p.9).

A atenção dada por Leontsinis, em sua publicação, ao N.W. *Harris Public School Extension*, bem como o declarado reconhecimento do autor acerca da eficiência do referido projeto de itinerância do *Field Museum*, nos leva a afirmar que fora este um importante modelo utilizado para desenhar o Serviço de Exposições Circulantes de Empréstimo do Museu Nacional.

Após descrever o serviço de itinerância do *Field Museum*, é que Leontsinis apresenta brevemente, na quinta seção do opúsculo, o piloto referente ao sistema de empréstimo de exposições portáteis às escolas a ser implementado no Museu Nacional.

Antes disso, o educador se dedica a justificar a pertinência pedagógica de tal empreendimento. Nesse sentido, o mesmo aponta que

uma das necessidades fundamentais do ensino de Ciências Naturais é combater a memorização que vai trazer consequências graves a aprendizagem: monotonia, esforço de fixação, ojeriza a matéria, etc. (LEONTSINIS, 1959, p. 5).

Visitar o Museu, segundo o autor, contribuiria para a superação do problema citado. No entanto, diante das diversas dificuldades encontradas para se levar o estudante ao Museu, “sistematicamente”, por meio de “uma ação persistente dessa objetivação através das exposições do Museu”, segundo Leontsinis tornava-se necessário levar o Museu ao estudante, “periodicamente, ordenadamente, obrigando, além disso, ao professor a se ater e a desenvolver determinados temas” (LEONTSINIS, 1959, p.6). A itinerância dos mostruários do Museu pelas salas de aula, de acordo com Leontsinis (1959, p.6) “vai despertar o interesse pela assuntos, vai permitir uma nova conceituação dos fenômenos naturais que, frequentemente, passam despercebidos pelo aluno”.

Assim como ocorria com o N.W. *Harris Public School Extension*, cujos mostruários contemplavam espécimes zoológicos, botânicos e outros elementos que podiam ser encontrados na cidade de Chicago, onde estava localizado o museu e as escolas por ele atendidas, Leontsinis elenca 13 temas que poderiam ser abordados tendo como referência o município do Rio de Janeiro (à época Distrito Federal), onde se situa o Museu Nacional. Os temas apresentados por Leontsinis são: Moluscos comuns em nossas praias; Principais insetos nocivos; Insetos úteis; Formação do fruto e tipos de frutos; Borracha: extração e aproveitamento industrial; O petróleo: extração, refinação e prospecção; Mármore brasileiros: ocorrência, aproveitamento industrial, Minérios de ferro: processo siderúrgico; Protozoários patogênicos (modelos em plástico); Vermes nocivos; Germinação e plântula; Desenvolvimento do embrião da galinha e Plantas cítricas.

Por meio do sistema de empréstimo, Leontsinis tinha a expectativa de alcançar 500 turmas em 12 meses, atingindo 20 mil estudantes. Ele relata que, em um primeiro momento, seriam elaborados cinco mostruários temáticos que circulariam apenas pelas escolas vizinhas ao Museu, já que, sem auxílio financeiro, o transporte seria feito pelos próprios educadores da instituição.

A complexidade demandada por esse tipo de serviço fica evidente quando Leontsinis relaciona os diferentes setores que precisariam ser envolvidos na iniciativa, para além do pessoal especializado. Ele cita: Seção de Planejamento e consulta às Divisões científicas do Museu; Carpintaria; Seção de Montagem e Etiquetagem (textos); Serviço de Expedição; Serviço de Manutenção e Recuperação; Secretaria e Fichários, para além da necessidade de haver um depósito de material circulante.

Algumas das etapas a serem percorridas para a implementação de um projeto de exposições circulantes para empréstimo às escolas também são abordadas por Leontsinis, por meio de quatro fotografias “da exposição circulante sobre a atividade educativa dos museus de ciências da UNESCO” (LEONTSINIS, 1959, p.12), reproduzidas pelo autor e que podem ser vistas a seguir.

Figura 6 – Imagens da exposição circulante da UNESCO selecionadas por Solon Leontsinis



Fig. 1 — Planejando e montando as exposições circulantes.

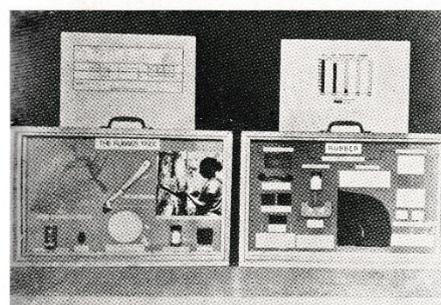


Fig. 3 — Um mostruário típico sobre a borracha e seu aproveitamento econômico.

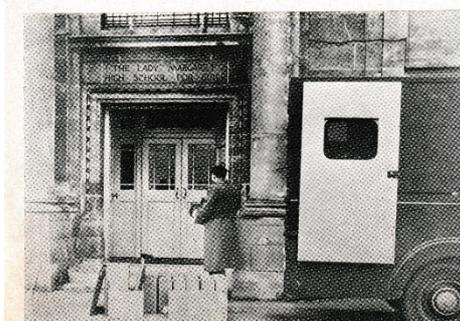


Fig. 2 — O transporte e a troca periódica das exposições de uma das escolas da cidade.



Fig. 4 — Na sala de aula há uma atmosfera de interesse, vivacidade e aproveitamento.

Fonte: Leontsinis (1959).

## **DOS MUSEUS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES CIRCULANTES DE EMPRÉSTIMO: MUDANÇA DE PARADIGMA**

Na década de 1920, sob influência do Museu Americano de História Natural de Nova York, Edgard Roquette-Pinto, diretor do MN, promove um amplo projeto de reestruturação da instituição (GILIOI, 2008) e, nesse contexto cria, em 1927, o seu setor educativo, denominado Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural (SAE), marco da institucionalização da Educação Museal no Brasil. Tal iniciativa resulta da compreensão de que, diante da existência de uma função educacional sistemática e comprometida com objetivos educacionais explícitos por parte do museu, a educação deve ocupar lugar na estrutura da instituição (PEREIRA, 2010; COSTA, CASTRO, SOARES, 2020).

Em consonância com a política educacional vigente à época, que preconizava a implementação dos novos modelos de ensino pautados no movimento da Escola Nova, o SAE passa a concentrar as demandas por apoio educacional oriundas das escolas, garantindo aos professores o acesso aos diferentes materiais e acervos do MN (PEREIRA, 2010). A Reforma Educacional implementada no Rio de Janeiro por Fernando de Azevedo (1927-1930) prescrevia que cada escola tivesse seu museu próprio. Nesse momento, um dos principais interesses do SAE era exatamente a orientação das escolas na montagem dos Museus Escolares e a preparação de itens para os mesmos. Paulo Roquette-Pinto, chefe do SAE entre 1935 e 1941, reuniu materiais dos cursos que oferecia para professores e manuais de técnicas de história natural que disponibilizava para não especialistas e lançou o livro História Natural: assistência ao ensino (ROQUETTE-PINTO, 1938), publicação que visava a subsidiar a formação de museus nas escolas.

Nos anos de 1940, uma das mais importantes iniciativas do setor educativo do MN, a Revista do Museu Nacional, deu continuidade ao estímulo à formação de museus escolares. Publicada entre os anos de 1944 e 1945, inicialmente com tiragem de 5mil exemplares, mas passando a 30 mil exemplares, a Revista foi distribuída em todo o território nacional junto a estabelecimentos de ensino secundário, grupos escolares, instituições e professores. Todos os seus cinco números contam, na última página, com o texto intitulado “Instruções para a organização de pequenos museus escolares”. Por meio deste são apresentadas 12 recomendações, entre as quais se afirma que toda escola deve ter seu pequeno museu de história natural e que este deve ser formado por material colecionado por professores e alunos (REVISTA, 1944, p.33).

No entanto, desde a década de 1920 já circulavam no Museu Nacional informações acerca da existência de sistemas de empréstimo de coleções às escolas implementados por museus estadunidenses. Em 1922, Bertha Lutz visitou alguns museus de história natural dos Estados Unidos e no relatório de viagem apresentado ao Diretor do Museu Nacional, a bióloga relata que no Museu Americano de História Natural de Nova York conheceu o empréstimo de coleções que aquela instituição fazia às escolas (MUSEU NACIONAL, 1923).

Em nova viagem àquele país, realizada uma década depois, em 1932, Lutz percorreu 20 cidades e visitou 58 museus com foco nos seus setores. Mais uma vez tomaria contato com o serviço de empréstimo de coleções. Quando do seu retorno ao Brasil, Bertha apresentou ao diretor Edgard Roquette-Pinto um relatório das visitas técnicas por ela realizadas (LUTZ, 2008). No mesmo a autora afirma que era

sabido que “o museu escolar se acha em fase de evolução regressiva”, haja vista que “a organização de museus por instrutores não especializados não conduz a resultados satisfatórios” (LUTZ, 2008, p.98). Ela comenta que sua atuação na inspeção de museus escolares em 1921 a possibilitou verificar que, apesar de muitas escolas terem recebido material do MN, apenas duas delas haviam feito uso do mesmo, justamente aquelas que tinham naturalistas à frente do ensino científico. Segundo Bertha Lutz os profissionais estadunidenses se afastavam naquela época “por completo da ideia de museu escolar e da concessão de donativos, substituindo-a por outro processo muito mais eficaz” (LUTZ, 2008, p.98). Orientada pelas experiências bem-sucedidas dos museus estadunidenses, Bertha Lutz fala no valor psicológico do empréstimo de material. Segundo ela, uma vez havendo um tempo limitado, invariavelmente curto, para a permanência do material na instituição beneficiada, o seu uso não era protelado. Outra vantagem era a circulação constante do material, o que multiplicava sua produtividade.

A proposta apresentada por Solon Leontsinis e que aqui analisamos, sinaliza na mesma direção do que fora defendido por Bertha Lutz nos anos de 1930, mas não a cita. Assim como Lutz (2008), Leontsinis (1959, p.11) aponta a ineficácia dos museus escolares, afirmando que todos os professores sabem que os materiais guardados pelos mesmos raramente são utilizados, “podendo considerar-se fossilizado nos armários”. Em oposição aos museus escolares, Lutz advogara a favor do empréstimo de material às escolas e Leontsinis propôs a realização da “Exposição Circulante, didaticamente montada, que seria, segundo o mesmo, “notavelmente superior a estes armários em que se misturam animais diversos, plantas, conchas, minerais, etc.”, se referindo aos museus escolares. Assim, afirmamos que o “Serviço de Exposições Circulantes de Empréstimo do Museu Nacional”, concebido por Solon Leontsinis, marca uma mudança de paradigma. Ao propor a itinerância de itens de coleções do MN pelas escolas, Leontsinis rompe com uma política de apoio à formação de museus escolares que há muito estava na centralidade das ações do setor educativo do Museu Nacional.

Atrair o público escolar e suplementar o currículo normal, por meio de visitas guiadas e de outras atividades programadas, continuava a ser a principal orientação da área educativa de um grande museu (LEONTSINIS, 1959, p.10). Fazer com que os alunos frequentassem o Museu, segundo o autor, seria a “solução mais racional”. Para implementá-la, afirma que variados “meios de atração” eram utilizados pela equipe da Divisão de Educação com o intuito de influir sobre os professores primários e secundários a fim deles cultivarem em seus alunos o hábito do Museu. Contudo, eram muitas as barreiras encontradas, naquele momento, para a realização de visitas ao Museu Nacional. De acordo com Leontsinis (1959, p.6), entre elas estavam: “localização do Museu em lugar de difícil acesso; ausência de condução nas proximidades, falta de tempo dos professores para atividades extraclasse, falta de conforto para os alunos visitantes, despesas para aluguel de ônibus”.

O empréstimo e itinerância de material do Museu Nacional pelas escolas não pretendia substituir a ida de alunos e professores à instituição, contudo, segundo Leontsinis, apresentava uma série de vantagens. Algumas das vantagens do Sistema de Empréstimo de Exposições às Escolas em relação à visita ao Museu eram: o primeiro evitaria despesas com aluguel de transporte, não desperdiçaria tempo com o deslocamento dos estudantes, evitaria a criação de problemas

disciplinares decorrentes do deslocamento dos alunos para novos ambientes e concentraria a atenção do aluno em torno de um determinado tema, enquanto as visitas teriam caráter dispersivo.

A despeito da elevada frequência anual ao Museu Nacional nos anos de 1950, composta por 262.965 visitantes em 1958 e por 324.193 visitantes em 1959 (MUSEU NACIONAL, 1959; 1960), a publicação de Solon revela uma preocupação com a ampliação do alcance social do Museu, considerando as dificuldades de acesso das escolas à instituição. Assim, o educador cita como mais uma das vantagens do empréstimo, a possibilidade de se fazer chegar o material didático às escolas muito afastadas do Museu e que “difícilmente visitariam o Museu com a periodicidade necessária” e não perde de vista a preocupação com a formação do hábito de visita a museu, dizendo que as exposições itinerantes de empréstimo funcionariam como um cartão de visita do Museu, buscando estimular a visita dos estudantes às exposições da instituição (LEONTSINIS, 1959, p. 10).

Figura 7 – Fotografia de estudantes em uma das salas da Seção de Assistência ao Ensino acompanhados do Prof. Victor Stawiarski, com itens da Coleção Didática ao fundo



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu Nacional (sem data).

Interessante notar que esse efeito esperado por Leontsninis- estímulo a visita ao Museu a partir do contato com as exposições itinerantes - foi verificado no Field Museum. Os mostruários emprestados por esse museu às instituições escolares não eram somente acessados apenas por crianças e jovens estudantes, mas também pelos pais dos alunos e os vizinhos das escolas. Por meio do contato com esses materiais emprestados às escolas, é que muitos adultos teriam tido o primeiro impulso de visitar o museu estadunidense (FIELD MUSEUM, 1938).

## HERANÇAS DO PROJETO: A COLEÇÃO DIDÁTICO-CIENTÍFICA PARA EMPRÉSTIMO DA SAE E O MUSEU NACIONAL VIVE NAS ESCOLAS

Verificamos que o interesse de Solon Leontsinis pela itinerância permaneceria vivo nos anos seguintes à publicação do opúsculo. Na década de 1960, o educador obteve bolsas que o permitiram estudar sobre esse e outros temas no exterior, tendo estagiado em museus ingleses e em instituições francesas e visitado dezenas de instituições diferentes em ambos os países, bem como também na Holanda (MUSEU NACIONAL, 1964).

Em 1963, com uma bolsa concedida pelo Conselho Britânico, Solon Leontsinis pode percorrer museus de 12 cidades da Inglaterra tendo como foco o estudo de sua função educativa. Naquele país, as experiências mais aprofundadas do educador se deram no *Victoria & Albert Museum* e no *Science Museum*. No primeiro, o estágio durou 15 dias, e no segundo, 20 dias.

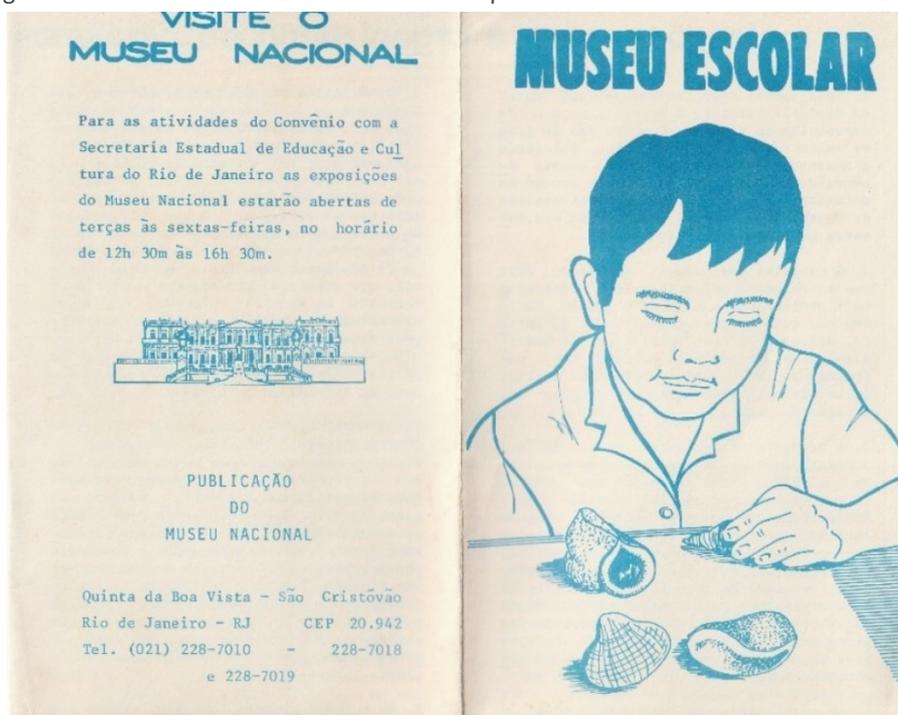
No *Victoria & Albert Museum*, Leontsinis teve a oportunidade de imergir no precursor e já mencionado *Circulation Department*. Iniciado nos anos de 1850, foi fechado em 1939 devido à Segunda Guerra Mundial, tendo sido reativado em 1947. Suas atividades viriam a ser interrompidas mais uma vez em 1976, devido aos cortes orçamentários promovidos pelo governo, mas foram retomados recentemente, em 2016 (WEDDELL, 2016). Em seu estágio naquele museu, Leontsinis pode estudar, pela primeira vez, todos os detalhes do importante departamento. Relata ter estudado todo o sistema de empréstimo e suas ações correlatas, dentre as quais cita: seleção de material, display, embalagem, proteção, serviço de secretaria, arquivo, as condições de empréstimo, os formulários utilizados, dentre outros. De acordo com Solon Leontsinis, o *Circulation Department* se dividia em dois setores: o *School Loans* e o *Exhibitions*. O primeiro reunia centenas de pequenas exposições emprestadas às escolas e o segundo exposições a serem emprestadas para outros museus, galerias de arte e bibliotecas. Essa experiência reforçou ainda mais seu desejo de implementar algo semelhante no Museu Nacional, conforme revela o seguinte fragmento do relatório apresentado.

De nosso contato com Mr. Wakefield concluímos com o parecer favorável desse especialista que, no Brasil, onde os museus bem aparelhados são raros, um serviço de circulação e empréstimos semelhantes ao aqui existente, tem um significado sensivelmente mais amplo e, sob certos aspectos, decisivo na educação do povo, particularmente das crianças. É necessário levar os museus, com a sua ação educativa, aos mais remotos pontos do país (MUSEU NACIONAL, 1964, pp. 28-29).

Na Inglaterra, Leontsinis trocou experiências com educadores museais e acompanhou o planejamento e a implementação de uma grande diversidade de ações educativas. Contudo, indiscutivelmente, o *Loan Service*, empréstimo de material educativo, recebeu a mais especial atenção do educador, que se mostrou cada vez mais convencido de que este tipo de trabalho deveria ser realizado em seu país, de grandes dimensões territoriais e pequeno número de museus. O relatório da viagem (MUSEU NACIONAL, 1964) expressa que o desejo de criar um serviço de empréstimo no Museu Nacional ainda permanecia vivo entre os interesses de Leontsinis, contudo documenta também a não obtenção de recursos para viabilizá-lo.

Não foram localizadas evidências de que o Serviço de Exposições Circulantes de Empréstimo do Museu Nacional tenha sido implementado, ao contrário. O MN continuaria estimulando a criação de museus escolares até os anos de 1980, como nos revela o folheto elaborado pela instituição no bojo do convênio firmado com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro no referido período.

Figura 8 – Folheto “Museu Escolar” elaborado pelo Museu Nacional na década de 1980



Fonte: Autoria própria (2021).

Acreditamos que o empréstimo da Coleção Didático-Científica da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, existente nos dias de hoje, seja a herança deixada pelo serviço idealizado por Solon Leontsinis. Essa ideia ganha força quando verificamos a trajetória do N.W. Harris *Public School Extension*, do *Field Museum*, referência utilizada pelo educador na década de 1950. Este hoje denomina-se N.W. Harris *Learning Collection* e consiste em um serviço de empréstimo de 400 mini-dioramas (*exhibit cases*) e 60 kits de atividades práticas que podem ser retirados no Museu tanto por professores, quanto por pais, mediante cadastro, agendamento e pagamento.

Figura 9 – Imagem do website do N.W. Harris *Learning Collection*, no qual se vê disponível para empréstimo o mesmo *exhibit* apresentado na imagem anterior



Fonte: N.W. Harris Learning Collection, Field Museum (2021).

À semelhança do que ocorre no *Field Museum*, os itens da Coleção Didático-Científica para Empréstimo da SAE podem ser retirados no Museu Nacional, gratuitamente, tanto por escolas, quanto por professores e outras pessoas jurídicas e físicas devidamente cadastradas e mediante agendamento prévio. A coleção atualmente é composta por 2800 itens, que abrangem áreas de conhecimento como Zoologia, Geologia, Paleontologia, Etnologia Indígena e Antropologia e, quase a totalidade dos mesmos é passível de empréstimo. Trata-se de um variado acervo, composto por rochas, fósseis e material biológico, dentre outros.

Seu caráter didático-científico lhe garante uma importante singularidade, na medida em que articula o compromisso com os parâmetros científicos — nas ações de coleta, registro, curadoria, prezando pela informação associada aos itens — e a finalidade didática, visando o seu uso em diferentes contextos educacionais, em especial escolas e no próprio Museu, por meio de ações de Educação Museal e Popularização da Ciência (SOUZA *et al.*, 2021).

A existência de uma Coleção Didático-Científica para empréstimo na SAE é verificada nos relatórios institucionais do MN a partir dos anos de 1990. O empréstimo dessa coleção, feito principalmente a professores, permite há décadas a circulação de seus itens por escolas públicas e particulares do município do Rio de Janeiro e de outras cidades da Região Metropolitana.

Apenas a partir de 2019, passados exatamente 60 anos da publicação de “Da Utilização dos Mostruários de Empréstimo no Ensino de Ciências Naturais”, a SAE deu início à itinerância de sua coleção por instituições de ensino, a partir do projeto “Museu Nacional Vive nas Escolas”.

O projeto surgiu no contexto do incêndio ocorrido em setembro de 2018, que além de ter acarretado perdas incalculáveis, representou para a Seção de Assistência ao Ensino uma forte ruptura em sua relação diária com as escolas particulares e públicas da Educação Básica. Com o intuito de manter vivo o vínculo construído pelo MN com as escolas ao longo de mais de 90 anos, o Museu Nacional Vive nas Escolas visa promover o compartilhamento e a troca entre os saberes e os conhecimentos produzidos na Universidade e nas Escolas, realizando, em

instituições públicas e privadas de Educação Básica, mostras compostas por itens da Coleção Didático-Científica da SAE. A partir do patrimônio científico exposto - exemplares originais em sua maioria itens zoológicos - e da mediação humana pautada em pressupostos dialógicos, busca-se promover a motivação intrínseca dos estudantes, a construção de novos significados e a popularização do conhecimento científico.

Mensalmente são realizadas atividades em quatro escolas diferentes, sendo três públicas e uma privada. A seleção das instituições participantes se dá a partir de sorteio *online* transmitido em tempo real. A área de abrangência do projeto engloba instituições situadas a no máximo 50 km do Museu Nacional. Nesse perímetro é possível alcançar quase todo o território do município do Rio de Janeiro e bairros de vários outros municípios da Região Metropolitana do Rio, como Niterói, São Gonçalo e cidades da Baixada Fluminense. A iniciativa foi viabilizada com recursos levantados via campanha de financiamento coletivo.

No ano de 2019, o projeto alcançou um público total de 8.935 estudantes. Isso foi possível por meio da visita a 16 escolas, seis delas localizadas na Baixada Fluminense, uma em Itaboraí, e as demais situadas no município do Rio, sendo quatro na Zona Norte, três na Zona Oeste, uma no Centro e uma na Zona Sul. (MUSEU NACIONAL, 2020).

Figura 10 – Fotografia de uma das ações do projeto Museu Nacional Vive nas Escolas



Fonte: SAE – Museu Nacional (2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de exposições circulantes de empréstimo, concebido por Leontsinis em fins da década de 1950, teve como importante referência o N.W. Harris *Public School Extension*, trabalho de itinerância realizado pelo *Field Museum of Natural History*, antigo Museu de História Natural de Chicago. No entanto, não se pode perder de vista que a discussão apresentada por Leontsinis se deu no bojo das discussões promovidas pela UNESCO sobre o tema no Brasil, em especial a partir do Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus, realizado em 1958 no Rio de Janeiro.

---

O texto de Solon Leontsinis cita algumas das principais referências internacionais sobre o tema da itinerância e museus disponíveis na década de 1950, revelando a atualidade do trabalho realizado pelo setor educativo do Museu Nacional e a sua consonância com os debates internacionais acerca da função educativa dos museus promovidos à época.

Em 1959 e nos anos subsequentes, há indícios de que Solon Leontsinis e o setor educativo do Museu Nacional não conseguiram implementar o serviço de exposições circulantes. Mesmo após Leontsinis defender as vantagens do empréstimo e da itinerância de mostruários do Museu pelas escolas, apontando a ineficácia dos museus escolares, o setor educativo do MN continuaria estimulando a criação dos últimos até a década de 1980. A partir dos anos de 1990, a Seção de Assistência ao Ensino passa a lançar mão do empréstimo de material de sua Coleção Didático-Científica às escolas, por meio da implementação de um modelo diferente daquele concebido por Leontsinis. A transformação de um serviço de exposições circulantes em coleção didática de empréstimo foi observada também no *Field Museum* de Chicago, referência utilizada por Leontsinis nos anos de 1950.

Somente em 2019, no bojo do terrível incêndio do Museu Nacional ocorrido no ano anterior, é que, por meio do projeto Museu Nacional Vive nas Escolas, a Seção de Assistência ao Ensino passaria, de maneira regular e sistemática, a itinerar pelas escolas. Por meio do referido projeto, o MN vem sendo levado às escolas que nunca o visitaram e que se situam em bairros que carecem desse tipo de equipamento cultural, assim como desejava, 60 anos antes, Solon Leontsinis.

---

## Solon Leontsinis and the proposal to create the loan exhibitions service from the National Museum (1959)

### ABSTRACT

This article presents an analysis of the publication “Da Utilização dos Mostuários de Empréstimo no Ensino de Ciências Naturais”, published in 1959 by Solon Leontsinis (1928-2005), an educator who worked at the Museu Nacional (MN) between 1950 and 1990. The publication documents MN's desire to promote museum education and science education through itinerancy, creating for this purpose the Loan Circulating Exhibition Service, under the responsibility of its Education Division. This initiative conceived in MN had as an important reference the itinerant work carried out by the Field Museum of Natural History, formerly the Chicago Museum of Natural History, and is presented in the context of discussions promoted by UNESCO on the subject, especially from the Regional Seminar on the Educational Role of Museums, held in 1958 in Rio de Janeiro. The text written by Solon Leontsinis makes use of the main international references on the subject available at the time, revealing the current nature of the work carried out by the educational sector of the National Museum and its consonance with international debates about the educational function of museums. No mentions of this publication were identified in the literature on the theme of itinerancy and science museums in Brazil. In this sense, through this article, we seek to contribute to the expansion of knowledge about the History of Brazilian Museum Education and the itinerancy of science museums in the national context.

**KEYWORDS:** Circulating Exhibitions. National Museum of Rio de Janeiro. History of Scientific Divulgation.

## REFERÊNCIAS

- CARDOSO, A. E. **Memórias d'O Tico-Tico Juquinha, Giby e Miss Shocking.** Quadrinhos brasileiros 1884 – 1950. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.
- CHAGAS, M.; RODRIGUES, M.V. (orgs.) **A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco.** Rio de Janeiro: Museu da República, 2019.
- CHICAGO NATURAL HISTORY MUSEUM. **General Guide.** Chicago: Chicago Natural History Museum, 1955.
- CONFERÊNCIAS. **Diário de Notícias**, Segunda Seção, p.4, 5 set. 1959.
- COSTA, A. F.; CASTRO, F.; SOARES, O. Por uma História da Educação Museal no Brasil. In: COSTA, A. F.; CASTRO, F.; SOARES, O. (orgs.) **Educação Museal: conceitos, história e políticas.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.
- FARIA, A. C. G. de. Educação em Museus: um mosaico da produção brasileira em 1958. **Museion**, Canoas, n. 19, p. 53-66, dez. 2014.
- FIELD MUSEUM OF NATURAL HISTORY. **Field Museum and group education: an outline of the work carried on by Field Museum of Natural History among school children through the N.W. Harris Public School Extension and the James Nelson and Anna Louise Raymond Foundation for Public School and children's lectures.** Chicago: Field Museum of Natural History, 1938.
- GILIOLI, R. de S. P. **Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto.** 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LEONTSINIS, S. **Da Utilização dos mostruários de empréstimo no ensino de ciências naturais.** Rio de Janeiro: Publicações Avulsas do Museu Nacional, 1959.
- LUTZ, B. The National Museum of Brazil. **Museum Work**, Nova Iorque, vol. V, novembro, 1922.
- LUTZ, B.; MIRANDA, G. G. de.; SANTOS, M. J. V. da C.; ESTEVÃO, S. N. de M.; FONSECA, V. M. M. da. (orgs.). **A função educativa dos museus.** Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.
- MORAES, D. D. C. D. de. **Uma trajetória do design do livro didático no Brasil: a Companhia Editora Nacional, 1926-1980.** 2016. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MORLEY, G. L. McCann. Introduction. **Museum** 3 (4), pp. 264–266, 1950.
- MUSEU NACIONAL. **Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional, ano de 1922.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.

MUSEU NACIONAL. **Relatório apresentado ao Magnífico Reitor da Universidade do Brasil pelo Dr. José Cândido de Melo Carvalho, ano de 1958.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1959.

MUSEU NACIONAL. **Relatório apresentado ao Magnífico Reitor da Universidade do Brasil pelo Dr. José Cândido de Melo Carvalho, ano de 1959.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1960.

MUSEU NACIONAL. **Relatório apresentado ao Magnífico Reitor da Universidade do Brasil pelo Dr. Newton Dias dos Santos, ano de 1963.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1964.

MUSEU NACIONAL. **Relatório Anual 1997, elaborado pela Diretora Janira Martins Costa.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

MUSEU NACIONAL. **Relatório Anual do Museu Nacional.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [https://xn--publicaes-w3a8m.museunacional.ufrj.br/wp-content/arquivos/Rel\\_por\\_2019.pdf](https://xn--publicaes-w3a8m.museunacional.ufrj.br/wp-content/arquivos/Rel_por_2019.pdf). Acesso em: 08 abr 2021.

Palestra no Museu Nacional. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, p.8, 6 set. 1959.

PEREIRA, M. R. N. **Entre Dimensões e funções educativas: A trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional.** 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

**Revista do Museu Nacional.** Rio de Janeiro, ano 1, n.1, ago. 1944.

RIVIÈRE, G. H. **Stage régional d'études de l'Unesco sur le rôle éducatif des musées.** Paris: UNESCO, 1958. p. 7-30.

ROCHA, J. N. **Museus e centros de ciência itinerantes: análise das exposições na perspectiva da divulgação científica.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROQUETTE-PINTO, P. **História Natural: Assistência ao Ensino.** Porto Alegre: Edições Globo, 1938.

SILY, P. R. M. **Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935).** 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

SIQUEIRA, G. K. **Curso de Museus –MHN: 1932-1978: o perfil acadêmico-profissional.** Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, A. M.; COSTA, A.; MARTI, F.; DESTERRO, P.; BOAS, S. Educadores/as do Museu Nacional em resgate: sobre a coleção didático-científica da seção de

assistência ao ensino. **Revista Docência e Cibercultura**, seção Notícias, abril de 2021, online. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/redoc/announcement/view/1267>. Acesso em: 10 mai. 2021.

TRIGUEIROS, F. dos S. **Museu e Educação**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958.

UNESCO. **Etude preliminaire concernant les aspects techniques et juridiques de la preparation d'une reglementation international de mesures les plus efficaces pour rendre les musees acessibles a tous**. Paris: UNESCO, abr., 1958.

WEDDEL, J. Back in Circulation. **V&A Annual Review 2015-16**. Londres, p.18-21, 2016.

XAVIER, D. W. **MUSEUS EM MOVIMENTO**. Uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia. Dissertação (Mestrado em Museologia). Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2012.

**Recebido:** 17 mai. 2021

**Aprovado:** 28 jun. 2021

**DOI:** 10.3895/actio.v6n2.14290

**Como citar:**

COSTA, A. F. Solon Leontsinis e a proposta de criação do serviço de exposições circulantes de empréstimo do Museu Nacional (1959). **ACTIO**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-22, mai./ago. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>. Acesso em: XXX

**Correspondência:**

Andréa Fernandes Costa

Av. Bartolomeu de Gusmão, 875, Bairro Imperial de São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

